

Bootstrapping sintático: o papel da ordem estrutural na aquisição de nomes e adjetivos*

Maria Cristina Name

UFJF e PUC-Rio/LAPAL



RESUMO – Investiga-se o papel da ordem estrutural como desencadeadora do processo de identificação de nomes e adjetivos por crianças brasileiras. A posição não rígida do adjetivo no DP (anteposto ou posposto ao nome) e a ausência de marcas fônicas claras distinguindo esses elementos, no português, poderia prever uma dificuldade de identificação dos elementos das categorias N e ADJ. No entanto, não há registros de tal problema. Pressupõe-se que informação de natureza estrutural (i.e., ordem dos itens na estrutura sintática do PB) é usada pela criança, de forma a desencadear o processo de identificação de nomes e adjetivos. Tal informação seria captada pela criança, inicialmente, a partir de propriedades prosódicas e fonológicas do DP complexo (Det + N/Adj + Adj/N). A análise prosódica do DP na fala dirigida à criança e os resultados de experimentos com crianças de diferentes faixas etárias apontam para a importância da informação estrutural no início do processo de aquisição lexical, e do uso de pistas semânticas em etapa posterior.

Palavras-chave: *bootstrapping* sintático; aquisição lexical; nomes, adjetivos.

Introdução

O presente trabalho trata da identificação de elementos das categorias Nome e Adjetivo por crianças brasileiras. Em termos configuracionais, tais categorias compartilham traços ([+N]), apresentando propriedades comuns; em termos morfológicos, não há necessariamente a presença de morfemas que distingam adjetivos de nomes (uma *linda menina*, um *carro velho*, uma *ponte grande*);

* Pesquisa com apoio financeiro do CNPq (Processo n° 404865/2006-2) e da FAPEMIG (Processo n° SHA 1885/06).

em relação à ordem em que se apresentam em um DP complexo, ambos podem vir à esquerda imediata do determinante (adjetivo anteposto ou posposto ao nome), levando a uma alteração do sentido (um carro *velho*/um *velho* carro), ou não (uma menina *linda*/uma *linda* menina).

Esse conjunto de características aparentemente torna opaca a distinção entre os elementos das categorias N e ADJ, fazendo prever alguma dificuldade nessa tarefa para a criança adquirindo o PB. Dados de produção fortalecem tal previsão, pois se observa maior incidência de nomes na fala inicial da criança, com o adjetivo aparecendo somente a partir do terceiro ano de vida (Bloom, 1994).¹ Alguns autores consideram que o fato de palavras frequentes no *input* da criança demorar a aparecer na sua produção seria consequência de desenvolvimento conceptual tardio, i.e., ainda que a criança tenha acesso à palavra nos dados que ouve, o conceito ao qual a palavra remete ainda não está acessível (GOPNIK & MELTZOFF, 1997; SMILEY & HUTTENLOCHER, 1995 apud SNEDEKER & GLEITMAN, 2004). Dessa forma, o desenvolvimento tardio da capacidade conceptual para identificação de propriedades de uma entidade seria a razão pela qual a criança demoraria mais a produzir adjetivos, comparados a nomes. No entanto, evidências experimentais sugerem uma capacidade precoce para mapeamento entre adjetivo e propriedade de entidade em atividades de identificação de objetos (WAXMAN, 2004 para revisão; TEIXEIRA & CORRÊA, 2006).

Tais dados levaram alguns autores a defender a idéia de um desenvolvimento lingüístico atrelado a um desenvolvimento conceptual (SNEDEKER & GLEITMAN, 2004, para revisão). Trazendo a questão para a identificação das categorias N e ADJ, poderíamos entender que marcas lingüísticas salientes, tanto em termos de ordem estrutural quanto morfofonologicamente, seriam identificadas precocemente pela criança, permitindo uma pré-classificação inicial em elementos dessas categorias; conceptualmente, a criança desenvolveria primeiro a noção de entidade e, mais adiante, a noção de propriedade, o que justificaria o padrão de produção inicial.

No entanto, tal raciocínio apresenta alguns problemas: a) línguas que não apresentam marcas robustas distintivas entre nomes e adjetivos, como é o caso do português, deveriam apresentar maior dificuldade na aquisição – uma identificação tardia desses ele-

¹ O aparecimento tardio de adjetivos, comparado a nomes e verbos, é uma característica da produção inicial de crianças que independe da língua sendo adquirida, e não somente da produção de crianças brasileiras (SLOBIN, 1985).

mentos em relação a outras línguas, e não é o que parece acontecer; b) não há evidências que justifiquem a idéia de desenvolvimento do conceito de propriedade tardio – ao contrário, resultados experimentais sugerem identificação de objetos pela criança a partir do formato e da textura, ao longo do primeiro ano de vida (BEHL-CHADHA, 1996; SMITH & HEISE, 2000).

Esse trabalho assume, em conformidade com Snedeker e Gleitman (2004), que não se trata de um problema de desenvolvimento conceptual: bem cedo, nos primeiros meses, os bebês demonstram captar propriedades distintas de entidades semelhantes; em atividades de compreensão, bebês e crianças pequenas relacionam o adjetivo à propriedade do objeto apresentado (BALABAN & WAXMAN, 1997; KLIBANOFF & WAXMAN, 2000). Consideramos que o descompasso entre a produção de nomes e de adjetivos pode ter outras origens. Poderia ser explicado, por exemplo, em termos de não saliência ou clareza de pistas extralingüísticas, i.e., o contexto de enunciação sendo claro (como em atividades experimentais), a criança relaciona o adjetivo à propriedade apresentada; não sendo – como acontece em situação natural muitas vezes, pode haver alguma dificuldade no mapeamento. De qualquer forma, a produção da criança não pode ser o único índice levado em conta como evidência de aquisição.

Nossa hipótese é que a criança, inicialmente, se guia por informação da estrutura lingüística. Assumindo um modelo de língua nos moldes do proposto pelo Programa Minimalista (CHOMSKY, 1999; 2001), entende-se que o processo de aquisição de uma língua se dá pela identificação de traços a partir das interfaces. No que concerne ao nosso objeto de estudo, o reconhecimento, pela criança, da estrutura do DP (i.e., a ordem dos elementos Det + N + Adj), facilita a aquisição dos membros dessas categorias. Tal reconhecimento seria facilitado por propriedades prosódicas do DP. Assim, o conhecimento sintático *bootstrap* a aquisição lexical que, por sua vez, desencadeia aquisição sintática. Aquisição lexical e aquisição sintática fazem parte de um mesmo processo, uma alimentando a outra. Pistas semânticas seriam mais facilmente reconhecidas em uma fase mais adiantada do processo de aquisição lexical, quando há maior domínio lingüístico da parte da criança. Ressalte-se que estamos falando de *reconhecimento* de informação semântica num evento, e não de conceptualização.

O artigo se desenvolve da seguinte maneira: apresentamos, primeiramente, a concepção de língua e de GU no Programa Minimalista, e o modelo de *Bootstrapping* sintático. Ainda, discutimos o tipo de informação que a criança tem de identificar nos

dados de fala a que tem acesso e como ela pode extrair essa informação; a segunda seção discorre sobre as propriedades distintas dos membros de N e ADJ e as habilidades perceptuais necessárias para que a criança identifique tais propriedades; em seguida, apresentamos nossa hipótese para dar conta dos dados do português relativos aos membros das categorias N e ADJ e resultados de atividades experimentais que a sustentam; na conclusão, resumimos as questões tratadas, discutindo suas implicações para o entendimento do processo de aquisição lexical.

1 A concepção de língua e de GU e o desencadeamento do processo de aquisição de uma língua

1.1 Língua-I e GU

A teoria gerativa, nos moldes do Programa Minimalista, concebe a aquisição de uma língua a partir da identificação dos traços (sua natureza – intrínseco ou opcional – e seus valores), e das relações de concordância que se estabelecem entre determinados itens (CHOMSKY, 1999). A língua-I compreende um sistema computacional, universal, e um léxico formado por conjuntos de traços fonológicos, semânticos e formais e seus valores. O sistema computacional opera a partir de traços formais. Dessa forma, cabe à criança, ao adquirir uma dada língua, identificar o conjunto de traços pertinentes a essa língua e os valores a eles associados. Em resumo, ao adquirir uma língua, a criança adquire o léxico dessa língua. O sistema computacional é posto em operação a partir dos traços formais. Sendo universal, invariante, seu modo de funcionamento é, no entanto, decorrente dos traços selecionados e parametrizados na língua em questão.

GU é caracterizada, nesse modelo, como um sistema computacional, com um número restrito de operações (*SELECT*, *MERGE*, *MOVE*, *AGREE*), e uma capacidade para aquisição de um léxico, como salienta Corrêa (2006):

... de acordo com a proposta minimalista, GU, ou o estado inicial da aquisição de uma língua, corresponde a um sistema computacional lingüístico com um número mínimo de operações [...], e a uma disposição para a constituição do léxico em termos de traços passíveis de variação paramétrica que viabilizam o estabelecimento de relações de interface entre o sistema da língua e outros sistemas cognitivos necessários ao desempenho lingüístico, dado o seu caráter fonológico, semântico e formal (CORRÊA, 2006, p. 43).

O sistema computacional é alimentado pelos traços e valores especificados no léxico da língua. Dessa forma, a criança deverá identificar, nos dados de fala, as propriedades fonológicas e semânticas pertinentes à sua língua, além dos valores referentes aos traços formais. Essa identificação estaria disponível, inicialmente, a partir das características prosódicas e fonológicas da língua e seriam acessíveis a partir da interface fonética.

O desencadeamento de um processamento sintático partiria, portanto, da análise prosódica. Podemos falar de um *bootstrapping* prosódico/fonológico (MORGAN & DEMUTH, 1996; CHRISTOPHE et al., 1997) levando a um *bootstrapping* sintático (GLEITMAN, 1990).

1.2 O *bootstrapping* sintático

O *bootstrapping* sintático (GLEITMAN, 1990; 1994) parte da idéia de que a relação sistemática entre o significado do verbo e a estrutura sintática pode ser uma fonte robusta de informação para a criança. Assumindo um pareamento entre estrutura argumental e semântica, Gleitman e colaboradores defendem que o *parsing* sintático inicial poderia levar a criança a identificar o significado do verbo. Uma série de evidências sustentam essa hipótese. Crianças de 16 meses são sensíveis a informação de papéis temáticos vinculados à posição dos argumentos na estrutura sintática (HIRSH-PASEK & GOLINKOFF, 1994); aos 24 meses, decidem pelo número de DPs ligados ao verbo o significado do mesmo (NAIGLES, 1990); crianças surdas sem contado com uma língua de sinais organizam em termos de número de argumentos os verbos de sua língua gestual inventada (GOLDIN-MEADOW & MYLANDER, 1984 apud GOLDIN-MEADOW, 2004).

Transpondo para nomes e adjetivos, a análise (*parsing*) do DP complexo (Det + N/Adj + Adj/N), poderia permitir à criança um mapeamento entre a estrutura sintática e o significado dos elementos nela inseridos.

Seja em relação aos verbos ou a nomes e adjetivos, tal tipo de informação, de natureza sintática, se disponibiliza via prosódia, i.e., a criança parte de informação num nível prosódico para segmentar o fluxo da fala em constituintes menores. É esse o ponto de partida do *bootstrapping* prosódico/fonológico (Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al., 1997), que considera que desde os seus primeiros dias de vida o bebê já é capaz de processar características da fala que lhe permitiriam identificar propriedades daquela língua, tais como a ordem estrutural. A segmentação dos enunciados em unidades menores facilitaria a aquisição lexical inicial, e a partir do

reconhecimento de alguns itens lexicais e de sua posição na estrutura sintática, o processo de mapeamento semântico de novos itens seria desencadeado, num processo de *bootstrapping* sintático.

Dessa forma, no que diz respeito à aquisição dos elementos das categorias N e ADJ, é necessário assumir: a) no sinal de fala ao qual a criança tem acesso, propriedades distintivas que sejam captáveis pela criança – na perspectiva do Programa Minimalista, que sejam legíveis na interface fonética; b) na criança, habilidades perceptuais lingüísticas que lhe permitam a identificação dessas propriedades, e habilidades perceptuais conceptuais voltadas para a categorização de entidades e a identificação de propriedades.

2 Habilidades perceptuais e propriedades das categorias N e ADJ no PB

2.1 Habilidades perceptuais da criança

Ainda que na sua produção, a criança demore a usar adjetivos, a capacidade conceptual para mapear propriedades tais como formato, textura, tamanho etc. parece se desenvolver desde muito cedo. Estudos conduzidos com bebês apontam para uma discriminação de objetos baseada em formato aos 4 meses (BEHL-CHADHA, 1996). Aos 12 meses, a criança faz uso da textura para categorização de objetos (SMITH & HEISE, 2000). Já em torno dos 24 meses, a criança se baseia no formato para generalizar um nome conhecido para novos objetos (ver LANDAU, 2004 para revisão).

No que se refere às habilidades perceptuais para tratamento dos enunciados lingüísticos, uma série de pesquisas aponta para uma sensibilidade a fronteiras entre orações aos 4 meses (HIRSH-PASEK et al., 1987; JUSCZYK, 1989), a fronteiras entre sintagmas aos 9 meses (FRIEDERICI & WESSELS, 1993; JUSCZYK et al., 1993; JUSCZYK, LUCE & CHARLES-LUCE, 1994); atenção a objeto quando nomeado também aos 9 meses (BALABAN & WAXMAN, 1997); sensibilidade a fronteiras de palavras (MYERS et al., 1996) e a itens funcionais (SHADY, 1996; SHAFER et al., 1998). A partir dos 13 meses, a criança parece usar pistas morfossintáticas para a identificação de pseudopalavra como um membro de N ou de ADJ (WAXMAN, 1999) e, aos 18 meses, sensibilidade a determinantes (NAME, 2002) e à posição estrutural de itens funcionais (SHADY, 1996).

O desenvolvimento de habilidades perceptuais no domínio conceptual e no tratamento do sinal de fala sugerem que, bem cedo, a criança seria capaz de mapear elementos da língua, como nomes e

adjetivos, à informação semântica captada em eventos, iniciando a aquisição lexical. É importante, contudo, que os enunciados possuam propriedades facilitadoras da distinção entre nomes e adjetivos.

2.2 Nomes e Adjetivos no PB

Nomes e adjetivos pertencem a classes abertas; são categorias que compartilham o traço [+N]. Não parece haver um padrão fônico ou posicional que seja suficientemente robusto para permitir a distinção entre nomes e adjetivos no português. De modo geral, nomes e adjetivos não apresentam uma diferença de forma, havendo uma sobreposição de marcas fônicas na terminação nesses elementos. Excetuando-se casos de adjetivos que apresentam sufixos, como *-oso/-a* (*gostoso/-a* etc.), a terminação fônica de nomes é a mesma de adjetivos (cf. *carro vermelho, bolsa bonita, ponte grande*). No que concerne à ordem, o padrão de apresentação no PB é o nome seguido do adjetivo (Det + N + Adj). Porém, a ordem inversa é possível, já que o português permite maior mobilidade do adjetivo. O mesmo não acontece em outras línguas (p.ex., inglês, mandarim, árabe etc.), nas quais o adjetivo não apresenta ou apresenta pouca mobilidade na estrutura. No entanto, ainda que as pistas posicionais e fônicas aparentemente não sejam claras, a aquisição de membros dessas categorias não parece ser um problema para crianças adquirindo o português.

3 A identificação de nomes e adjetivos no PB pela criança

A idéia é que a criança faz uso de um conjunto de propriedades da língua, disponíveis via interface fonética. Nossa hipótese é que informação de natureza estrutural permitiria à criança identificar os membros das categorias lexicais N e ADJ. Essa informação seria captada, inicialmente, a partir de propriedades prosódicas e fonológicas do DP complexo (Det + N/Adj + Adj/N). Como vimos, a ordem preferencial do PB é a posposição do adjetivo em relação ao nome. Por não ser uma ordem fixa, mas preferencial, como dissemos, pressupomos que sua mudança possa acarretar alteração no nível prosódico.

Com efeito, o estudo de Serra (2005), com dados de leitura de sentenças realizada com adultos, mostra que a estrutura prosódica do DP é sensível à posição do adjetivo. A autora encontrou mudanças na duração, intensidade e freqüência fundamental. Matsuoka (2006; 2007) investigou se na fala dirigida à criança (FDC)

a posição do adjetivo também seria marcada prosodicamente e de maneira ampliada, em relação à fala dirigida ao adulto. Como se sabe, a literatura sugere que as propriedades da FDC seriam facilitadoras do processo de aquisição da linguagem (ver MATSUOKA, 2007 para discussão). Efetivamente, na FDC de pais brasileiros, o adjetivo anteposto no DP apresentou sílabas mais longas e “peso” (intensidade) maior das sílabas tônica e pré-tônica que o nome na mesma posição; no que concerne à frequência fundamental, houve uma elevação da tônica do primeiro elemento que este era um adjetivo. A posição estrutural dos nomes e adjetivos no DP parece, portanto, ter implicações na estrutura prosódica, o que poderia ser usado pela criança para a identificação da estrutura sintática.

Outra fonte de informação passível de ser usada pela criança se refere à fronteira do sintagma, com um determinante à esquerda. A identificação de nomes no fluxo da fala, pela criança, parece estar diretamente ligada à sua inserção num sintagma nominal dominado pela categoria D (NAME & CORRÊA, 2002). Nomes conhecidos pela criança são mais dificilmente reconhecidos quando apresentados anteceditos de outro elemento que não um determinante. Informação morfofonológica na fronteira direita do DP (um sufixo adjetival, como *-oso*, *-ento*) também facilitaria a identificação do adjetivo (TEIXEIRA & CORRÊA, 2006) por crianças de 20 meses. Deve-se ressaltar que essa pista parece ser uma fonte extremamente robusta, não se limitando à posição de fronteira direita do sintagma, pois as autoras encontraram efeito significativo na identificação da propriedade de objetos mesmo com o adjetivo sufixado anteposto. Na ausência de sufixo, as crianças tiveram maior taxa de identificação do adjetivo quando posposto, apontando para o uso de informação estrutural.

Um experimento piloto com crianças mais velhas, de 3;9 anos, apresentou resultado diverso. Apresentadas a DPs com pseudonomes e pseudo-adjetivos sem marca morfológica, com variação da posição do adjetivo em relação ao nome, as crianças acertaram mais na condição não canônica, i.e., quando o pseudo-adjetivo era apresentado anteposto ao pseudonome (ALMEIDA et al., 2006). Ainda que esses resultados devam ser vistos com cautela, pois leva em conta um pequeno número de crianças, eles sugerem que as crianças podem ter usado uma estratégia de maior atenção diante de eventos fora do padrão (apresentados por ordem não canônica), levando em conta, sobretudo, a informação semântica dada, a despeito da informação sintática. Se os resultados se confirmarem na ampliação do estudo, podemos supor que enquanto informação

de natureza morfossintática é importante no desencadeamento da aquisição lexical inicial, informação de natureza semântica pode ter um papel na aquisição lexical nas fases posteriores do processo.

Conclusão

O presente artigo buscou discutir, de forma resumida e não exaustiva, o processo inicial de aquisição lexical, focalizando a identificação de nomes e adjetivos no PB. Por um lado, a produção tardia de determinados elementos do léxico disponível nos dados de fala a que a criança tem acesso, como os adjetivos, tem levado alguns autores a defenderem um desenvolvimento conceptual conduzindo o desenvolvimento lingüístico da criança. Por outro lado, a fragilidade das pistas posicionais e fônicas desses elementos no PB poderia dificultar sua aquisição. Defendemos, na nossa pesquisa, que nem um nem outro fator levam a problemas de identificação dos membros das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB.

Resultados experimentais apontam habilidades perceptuais tanto lingüísticas quanto conceptuais nos primeiros meses de vida do bebê; a análise do DP complexo na fala dirigida à criança aponta para propriedades prosódicas que podem ser usadas como pistas para a posição do adjetivo no sintagma; experimentos conduzidos com crianças de 20 meses sugerem o uso de pistas morfossintáticas para a identificação de pseudopalavras como nomes ou adjetivos. Nas etapas iniciais do processo de aquisição de uma língua, o desencadeamento da aquisição do léxico para se dar pela via sintática, pela análise estrutural, conforme a hipótese do *bootstrapping* sintático. Tal desencadeamento, por sua vez, parece ter origem na análise prosódica da fala pela criança (*bootstrapping* prosódico/fonológico). Experimento piloto com crianças mais velhas sugerem o uso preferencial de pistas semânticas, apontando para uma mudança no processo de aquisição lexical numa etapa posterior.

Esperamos, pois, contribuir para a discussão acerca do processo de aquisição lexical, buscando entender as especificidades das diferentes etapas do processo.

Referências

ALMEIDA, C. P.; SILVA, C. G.; NAME, M. C. *O processo de aquisição de nomes e adjetivos numa perspectiva psicolingüística*. Comunicação apresentada no ENAL 7, 2006, Porto Alegre.

- BALABAN, M. T.; WAXMAN, S. R. Do words facilitate object categorization in 9-month-old infants? *Journal of Experimental Child Psychology*, v. 64, p. 3-26, 1997.
- BEHL-CHADHA, G. Basic level and superordinate-like categorical representations in early infancy. *Cognition*, v. 60, n. 2, p. 105-141, 1996.
- BLOOM, P. Overview: controversies in language acquisition. In: BLOOM, P. (Ed.). *Language acquisition core readings*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1994.
- CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistic*, Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, n. 20, 2001.
- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, n. 18, Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, 1999.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHRISTOPHE, A.; GUAISTI, T.; NESPOR, M.; DUPOUX, E.; VAN OUYEN, B. Reflections on phonological bootstrapping: its role for lexical and syntactic acquisition. *Language and Cognitive Processes*, v. 12, n. 5/6, p. 585-612, 1997.
- CORRÊA, L. M. S. Conciliando processamento lingüístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem. In: CORREA, L. M. S. (Org.). *Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento lingüístico*. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ, 2006. p. 21-78.
- FRIEDERICI, A.; WESSELS, J. Phonotactic knowledge of word boundaries and its use in infant speech perception. *Perception and Psychophysics*, n. 54, p. 287-295, 1993.
- GLEITMAN, L. The structural sources of verb meaning. In: BLOOM, P. (Ed.). *Language acquisition: Core readings*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994. p. 174-221.
- GLEITMAN, L. The structural sources of verb meanings. *Language Acquisition*, v. 1, p. 3-55, 1990.
- GOLDIN-MEADOW, S. Lexical development without a language model: are nouns, verbs and adjectives essential to the lexicon? In: HALL, G.; WAXMAN, S. (Ed.). *Weaving a lexicon*. Bradford Books, 2004. p. 225-256.
- HIRSH-PASEK, K. et al. Clauses are perceptual units for young infants. *Cognition*, n. 26, p. 269-286, 1987.
- JUSCZYK, P. *The discovery of spoken language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1997.
- JUSCZYK, P. et al. Infants' sensitivity to the sound patterns of native language words. *Journal of Memory and Language*, n. 32, p. 402-420, 1993.
- JUSCZYK, P.; LUCE, M.; CHARLES-LUCE. Infants' sensitivity to phonotactic patterns in the native language. *Journal of Memory and Language*, n. 33, p. 630-645, 1994.
- KLIBANOFF, R. S.; WAXMAN, S. Basic level object categories support the acquisition of novel adjectives: Evidence from preschool-aged children. *Child Development*, v. 71, n. 3, p. 649-659, 2000.
- LANDAU, B. Perceptual units and their mapping with language: how children can (or can't?) use perception to learn words. In: HALL, G.; WAXMAN, S. (Ed.). *Weaving a lexicon*. Bradford Books, 2004. p. 111-148.

MATSUOKA. 2006; 2007.

MORGAN, J. L.; DEMUTH, K. Signal to Syntax: an overview. In: MORGAN, J. L.; DEMUTH, K. (Org.). *Signal to syntax: Bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996. p. 1-22.

MYERS, J. et al. Infants' sensitivity to word boundaries in fluent speech. *Journal of Child Language*, n. 23, p. 1-30, 1996.

NAME, M. C. *Habilidade perceptuais e lingüísticas na aquisição e processamento da concordância de gênero*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

NAME, M. C.; CORRÊA, L. M. S. Young children sensitivity to determiners and the identification of the gender system in Portuguese. In: COSTA, J.; FREITAS, M. J. (Ed.). *Proceedings of the GALA'2001 Conference on Language Acquisition*. 2002. p.180-188.

SERRA. 2005.

SHADY, M. *Infants' sensitivity to function morphemes*. 1996. PhD Dissertation at Univ. Buffalo.

SHAFER, V. et al. An electrophysiological study of infants' sensitivity to the sounds patterns of English speech. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, n. 41, p. 874-886, 1998.

SLOBIN, D. I. (Ed.). *The crosslinguistic study of language acquisition*. Hillsdale: L. Erlbaum, 1985. v. I: The data.

SMITH, L.; HEISE, D. Infants' use of textural information to discriminate between artifacts and natural kinds. 2000.

SNEDEKER, J.; GLEITMAN, L. Why it is hard to label our concepts. In: HALL, G.; WAXMAN, S. (Ed.). *Weaving a lexicon*. Bradford Books, 2004. p. 257-294.

TEIXEIRA, L.; CORRÊA, L. S. Pistas morfológicas e sintáticas na delimitação de adjetivos como adjuntos na aquisição do PB. *Comunicação* apresentada no ENAL, 7., 2006, PUCRS, Porto Alegre.

WAXMAN, S. Everything had a name, and each name gave birth to a new thought: links between early word learning and conceptual organization. In: HALL, G.; WAXMAN, S. (Ed.). *Weaving a lexicon*. Bradford Books, 2004. p. 295-335.

WAXMAN, S. Specifying the scope of 13-month-olds' expectations for novel words. *Cognition*, n. 70, B35-B50, 1999.

A voz potente do Sul

Elvo Clemente

Anselmo Francisco Amaral, 92 anos, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, acaba de lançar o livro – **SANTA VITÓRIA DO PALMAR: 150 anos**, sua terra natal. É a voz potente do Sul que se faz ouvir pelo Albardão, pelos campos do Taim, pelos pampas imensos, ecoando nas serranias. Eram os Campos Neutrais, lugar complicado, disputado por duas potências mercantilistas, em aparente neutralidade. Foi difícil o povoamento, as primeiras famílias chegaram desafiando o chão inóspito e o sopro congelante do Minuano com a mensagem gélida do pólo.

Anselmo F. Amaral, filho devotado de Santa Vitória, quer celebrar-lhe o sesquicentenário narrando os principais fatos, lembrando as principais figuras dos construtores da flor do Albardão. Em 250 páginas são relatadas as peripécias e as aventuras da brava gente que construiu Santa Vitória do Palmar. As reminiscências de Anselmo revivem seu metre Tancredo Blotta, depois o Colégio Pelotense e finalmente a Faculdade de Direito de Porto Alegre. Teve formação profundamente humanista, como fora do Dr. Vicente Manoel Vicente do Amaral. Anselmo esteve presente na celebração do Centenário de sua cidade, como está presente nos 150 anos, com sua pessoa e sua obra. É entusiasta a sua mensagem às gerações atuais e vindouras: *“Serei a história no passar das eras, lembrando a todos que estarão presentes como encarregados da nossa terra-trabalhem e lutem por ela”*. Anselmo foi desbravando sua carreira de advogado, adentrou nas lides da política, no governo Leonel Brizola exerceu funções nos Institutos Penais, consultor jurídico da SUPRA. Após 1964 foi a voz em defesa dos cassados.. Ao mesmo tempo que pugnava pelos direitos humanos brilhava nas letras de que cito alguns dos vinte livros: **Os campos neutrais, Garibaldi – Guerreiro da liberdade, Encontros com a vida** (poemas); **As três sagas de uma longa história** (romance histórico); **Pelas águas do São Gonçalo passou a História dos Farrapos** (narração); **Gente da minha Aldeia** (crônicas). Em toda a sua vida e em sua obra literária Anselmo é aquela voz suave e veemente que do Sul repercute no centro e no norte do Estado e do País. Dedicado aos filhos, aos netos, inseparável da esposa cuja enfermidade o retém em Santa Vitória do Palmar. Vive longe da Academia, perto do coração dos confrades, sempre querido e sempre amado por todos.

Concluo com um parágrafo seu do **In fine**: *“Pela vidraça da vida vi, ouvi, disseram-me e senti enquanto o tempo ia desfilando e deixando uma história em cada conta do rosário dos anos”*.
